

6^a

A Alemanha
declara a
guerra
a Portugal

6000
40
5
8570
857

390
14
404

$12000 \times 25 = 300000$
 $20 \frac{12000 \times 25}{35} = 171428.57$
 $12000 \times 5 = 60000$
 $\frac{60000}{7} = 8571.42$

Entrada de Portugal na Grande
Guerra = Em 10 de Outubro de 1914
o Governo inglês tinha, em nome da alli-
ança, convidado Portugal a sair da sua
atitude de neutralidade e a colocar-se
activamente ao lado da Grã-Bretanha,
e em 14 de Novembro seguinte, o nosso
ministro em Londres, Teixeira Gomes,
tinha communicado que o Foreign Of-
fice pedia que se fizessem activamen-
te preparativos para a mobilização.

O ministro Bernardino Machado
~~foi~~, porém, substituído pelo ministro
Azevedo Coutinho, em 12 de Dezembro,
e a opposição á nossa entrada na
guerra ^{tinha-se} pronunciado claramente.
Em 20 Janeiro de 1915 surgiu movimento
das espadas e, com elle, o ministro Pi-
mento de Castro. Este declarou ao mi-
nistro inglês que "era sua intenção proce-
quir a mesma orientação da politica
externa do seu predecessor, designada-
mente a que é baseada na aliança"

mas sentia que os officiaes, que tinham
contribuido para que lhe fosse dado o po-
der, discordavam da entrada de Portugal na
guerra.

Vem o movimento de 14 de maio. ~~Repub~~
novo governo e' constituido por José de Cas-
tro, Paulo José Falcão, Barros Queiroz, Fer-
nandes Costa, Teixeira de Queiroz, Manuel
J. Rodrigues Mouteiro, José Jorge Pereira e
Magalhães Lima. ~~+~~ O presidente da Repu-

blice Manuel d'Avila, renuncia e ~~sub-~~
~~stitui-se~~ ^{Comptes da Republica dege} ~~te~~ Teófilo Proge

Em ~~22 de junho~~ ^{22 de junho} de junho, o ministerio tem ou-
tra composição: José de Castro, José Augus-
to Ferreira da Silva, Cabral de Menezes,
Victorino Guimarães, Augusto Soares, Ma-
nuel Rodrigues Mouteiro, Norton de Mattos
J. Lopes da Silva Martins.

~~Um mês depois~~ ^{Um mês depois} ~~22 de julho~~ nova alteração: Nor-
ton de Mattos parte das Colónias para
a Guerra, entra para as ~~Colónias~~ ^{Colónias} Alfredo
Rodrigues Gaspar, ficando José de Castro
com a presidencia e a Marinha.

~~João de Castro~~ ~~com o nome de~~
O presidente indigitado fôra João Chagas
Este chegou a vir de Paris, mas ao chegar ao
entroncamento foi alojado com um tio pelo
antigo senador João de Freitas, de que resultou
João Chagas ficar sem um olho. João de Freitas
foi muito imediatamente com um tio de
um dos circunstantes

Entretanto, a Guerra do Cuauhama
em Angola, os protestos constantes do mi-
nistro allemão, as conversações nem sem-
pre claras com o governo inglês, e as diver-
sas lançadas para publico por certa im-
pressão acerca dos nossos deveres de alli-
ados, tem occupado as atenções de todos
estes governos. Até que em 30 de Desem-
bro, o governo inglês pergunta ao gover-
no português se julga possível requi-
sitar os navios allemães surtos nos
portos portugueses.

O governo português hesita. Esta per-
gunta não joga ~~certo~~ com as recomen-
dações prudentes do governo inglês. Mas
em 2 de Janeiro 1916, este наста por que
se faça a requisição e em 17 faz o pedido
official em nome da aliança.

A requisição effectua-se em 23 a
borda. Destacamentos da marinha de
guerra portugueza tomaram posse dos
diversos navios allemães ha muito ancora-
dos no Tejo e içaram nelles a bandeira por-
tuguesa saudando-a com uma salva de 24
tiros.

Este facto ia, necessariamente, desen-
cadear a guerra entre Portugal e a Alle-
manha. Com effeito, em 27, o ministro
alemão, Dr. Rosen, pedia ao Governo por-
tuguês a revogação do decreto de requisição
dos navios, e, em 9 de março, declara-
va a guerra a Portugal, em nome do
seu governo.

X

Eu e Roberto Baptista acabavam
de entrar no gabinete do ministro No-
tim de Mattos quando este nos deu a no-
ticia de ter a Alemanha declarado a
guerra a Portugal, momentos antes. Fo-
ram assim as primeiras pessoas a ter
conhecimento deste grave acontecimento.

Conquanto já a esperassem, havia
a dias, esta noticia enchou-nos de co-
moção.

Que iria fazer a Alemanha? Iria
tirar as nossas províncias de Angola e Mo-
çambique? Forçar o porto de Lisboa?

5
incitar a Espanha contra nós?

Lembrámos ambos ao Norton de Mat-
tos a conveniência de chamar quanto an-
tes o Chefe do Estado Maior do Exército, ge-
neral Maurício de Carvalho e pôl-o ao
corrente da situação. Conquanto duvi-
dássemos ^{interesses com que} ~~da~~ desta com
munição ^{seria recebida pelo} ~~ao~~ general, não estava cer-
to que elle não fosse uma das primei-
ras pessoas a saber ^{officialmente} que estavamos
em guerra com a Alemanha.

A conferencia do ministro com o ge-
neral realizou-se á noite, depois do
jantar. Levá balnear meua - noite ou
jornos mais quando acabou. O mi-
nistro mandou ~~que~~ ^{que} ~~o seu~~ ^{o seu} automovel por-nos todos em casa.

Durante o caminho para casa delle
— ~~o~~ na Rua da Petes — o gene-
ral apenas nos disse que, em sua opini-
ão, a guerra acabaria pela fadiga, pelo
esgotamento de ambas as partes.

Norton de Mattos tinha confirmado
nesta conferencia, a casa da sua des-

crença na utilidade do chamamento
do Chefe do E. M. do E. A entrada de Por-
tugal ^{nesta guerra} não podia surpreender ninguém,
e ella durava havia já quasi dois an-
nos. Que preparação para ella tinha
sido feita pelo Estado-Maior durante
estes 2 annos?

Esta alta corporação estava habi-
tuada, creio que desde a sua criação, a
não ter iniciativas, a fazer só o que
o Ministro mandava ou alguns estudos
sem interesse immediato e pratico para
o caso de uma guerra. A preparação
da mobilização e a da concentração não
estavam feitas, e entre os ministros e o
Estado-Maior não tinha havido nem
o contacto, a ligação, necessaria.
Veja-se o que me succedeu quando em
1913, sendo eu o ministro, pedias Estado-
Maior o seu parecer sobre o que convi-
ria fazer nas escolas de repetição desse
anno, e a que já me referi.

O ministro lançou-se, pois, no velho
caminho da improvisação. E, assim, che-

1
nom o major Roberto Baptista e encar-
regou-o de preparar tudo para a reuni-
ão de uma Divisão de instrução em pé-
de guerra. De Todos os officiaes de Esta-
do maior, aquelle que naquella occasião
melhor e mais moderna preparação
tinha para dirigir as manobras de uma
Divisão era, com effeito, e sem duvida al-
guem, Roberto Baptista.

Organizou-se uma Divisão com
o nome de Divisão de Instrução, e um
acampamento em Taubers. Os terrenos
da margem esquerda do Tejo — Arripé-
ado — seriam utilizados para a ins-
trução tactica das tropas d'esta Divisão.
O material do batalhão de fronte-
neiros seria utilizado para a com-
munição das duas margens. A pre-
paração que se deveria ter feito em es-
colas de repetição durante os annos an-
teriores, methodicamente, ia agora fazer

de por atacado.

*

Em Maio foi creada a Ecole Prepa-
ratrice de officiaes Militiaes de
Lisboa. As escolas desta natureza cre-
adas pelo D. lei de 25-5-911 tinham
tudo pouco, mereci da má vontade
dos officiaes que tinham sido seus
instructores. Apenas a de off. m.^{te} de
Adm. Militar tinha afurado alguns.

Em Agosto, ~~apresentaram-se~~ ^{militar} ~~officiaes~~ cu-
Lista ~~uma~~ ^{constituida pelo} ~~chefe de~~ general Bernar-
gues ~~e dois subalternos~~, e uma mis-
são ~~militar~~ franceza ~~constituida pelo~~
tenente-coronel Paris e 2 officiaes.
Por ordem da Dec.^a de Guerra ~~em~~
de 31 de Agosto passei a fazer parte

82

A

SERVIÇO DA REPUBLICA

Secretaria da Guerra

Repartição do Gabinete

N.º 1942

Lisbôa, 31 de agosto de 1916

Ao Sr. Tenente coronel de artilharia e do Serviço do Estado

Maio, João Pereira Bastos

Lisboa

Do Chefe da Repartição do Gabinete.

Sua Ex.^a o Ministro encarrega-me de dizer a V.Ex.^a se digne comparecer neste Ministério amanhã, 1 de setembro, pelas 13 horas, fazendo uso do uniforme nº 5 com agulhetas, afim de fazer parte da Comissão de oficiais que tem de cooperar com a missão franco-inglesa.

M. J. Pereira Bastos
Cep. de 2 m

da Comissão encarregada de coope-
rar com ^{estas} missões ~~em~~ ~~estas~~ ~~estas~~
~~estas~~. O general Chefe do E. M. do E.,
Rodrigues Ribeiro e o capitão Roberto
Baptista chefe do E. M. de Divisão
de Instrução — a Divisão que havia
de marchar para France — também
faziam parte desta Comissão.
As primeiras sessões realizaram-se

A primeira sessão realizou-se
 na sala do Conselho Superior de Fi-
 nanças — hoje Tribunal de Contas —
 para a qual ~~se~~ sobe uma escada que
 começa no Layo do Pelourinho, ao
 lado da grande porta do Arsenal de
 Marinha. Abriu a sessão o ministro
 Norton de Matos, que falou em francês
 Responderam-lhe o general inglês, o
 qual disse que o governo ^{as instruções que} ~~o~~ ^{seu} ~~tem~~ ^o ~~trabalha~~ ^{está} ~~em~~ ^{obten}
~~o~~ ^{militar} que Portugal accresce a sua
 accção em Africa, ao lado das forças de

situação ~~tal que~~ mais prejudicial
que a sua antiga Colónia do Cabo...
A missão francesa, ~~em~~ traria,
as que parecem, instruções para con-
seguir que as tropas portuguesas em
trouxem em campanha em France
ao lado das tropas francesas, e, de
facto, manifestam o seu pesar, quan-
do se ~~de~~ ^{asentem} ~~que~~ sendo a Trilha
temos nossa velha aliada, não faci-
lidade ~~que~~ ^{entrarmos em campanha a lado} ~~os~~ ~~franceses~~ ~~em~~ ~~cam~~
~~de outra guisa~~ ~~de~~ ~~outros~~ ~~lados~~. Que das
circunstâncias que o tenente-coronel
Paris invocava ~~em~~ em favor da sua
tese — ~~as~~ as tropas portuguesas não
combater os auctores franceses — era
o facto de ser Portugal um país ~~de~~
onde a cultura francesa ~~se encontrava~~
a cada passo. Não sei se seria esta
atitude da missão francesa que teria con-
vencido a missão inglesa a concordar

12

"e o presidente de Republica.
E ^{na dia seguinte,} quando acabou a marche em revista não se limitou a cumprimentar o ministro, pois cumprimentou-me tambem, dizendo:
— Não seria de justiça, não o felicitar tambem, pois ~~em~~ no que vimos

15
há muito que é seu.

X

Terminada a preparação de Di-
visão ^{chamada} de Instrução, parecia natural
fazer - a seguir ^{quanto antes} para a França. Mas
foi o que sucedeu. Licenciou-se
tudo ~~até~~ até! Nova chamada, de
modo que quando esta se fez, não
se que completar os effectivos, por
que, entre tanto, ~~com~~ ^{muitos} ~~trabalhos~~ ^{trabalhos} ~~em~~ ^{próprios} ~~ar~~ ^{ar}
~~estes~~ ^{na} ~~ranjados~~ ^{ir} ~~mancie~~ ^{de} ~~de~~ ^{de}

~~mit~~
Depois, resolveu-se que em lugar
de ~~três~~ ^{dois} fossem duas; e, enfim,
quando chegou o momento de em
barcar, vários officiaes em vários
regimentos se recusaram a marchar.
Foi preciso a energia decisa do ministro
~~de~~ em o fazer embarcar pronto de

ALERTA CIDADÃOS

De novo surgem nas columnas da imprensa periodica os mais vehementes protestos formulados por elementos verdadeiramente revolucionarios contra os quadrilheiros do partido democratico que não hesitam em lançar mão dos mais vis e infames processos, para restaurarem o governo despota e tyrano do partido dos escandalos que na sua passagem pelas cadeiras do poder só ousou servir-se de todos os processos para poder acima de tudo sustentar a ignominia.

E' grave o momento. A Republica Portuguesa é ameaçada de desaparecer em virtude de repugnantes escrocs tentarem, protegidos pela **formiga branca** assaltar de novo o poder, na certeza de impunidade defendida por Affonso Costa e França Borges que da Republica teem feito falperra para negocios escuros.

Aqui, transformando a pena em ferrete ignominioso, vamos hoje estampar na frente dos estriões desvergonhados o preço da infamia e da traição até agora levada a cabo sem o condigno correctivo.

A experiencia da vida ha muito nos ensinou que para domar as bestas feras é necessario ferro em brasa.

A sociedade portugueza não pode, não neve, nem quer assistir mais uma vez ao desonrolar das scenas tragicas que os tartufos democraticos estão ensaiando nas suas capellinhas á laia de estupidos fanaticos, cnjos episodios não são mais do que a reprodução correctea e augmentado das ferozes perseguições, desapiedadamente executadas por esses bandoleiros cobardes de repugnante memoria, com larga filiação na famigerada **formiga branca**, que de ha muito alimenta a esperança de arrastar para as masmoras sem ar e sem luz todos os cidadãos indefezos que teem nojo de ler a prosa vil e mentirosa do imundo **pasquim de S. Roque** e repugnancia de comungar no credo falsificado dos ratoneiros armados de gazua que nutrem os estomagos com o pão amassado com as lagrimas de infelizes para quem foram ascorosos judas.

A tyrania demagogica que vós, oh! grandes democraticos pretendeis restaurar como forma de conduzir e subjugar este Povo que ajudou a fazer a grande revolução de 5 de Outubro de 1910 é um sonho! Uma illusão do vosso passado cheio de hediondos crimes.

E sabeis porquê? Porque o vosso protector e patrão conhecido por **Affonso Ligorio**, é um processado como qualquer criminoso vulgar de direiro comum, e como tal digno de estar occupando um lugar em uma das cellas da penitenciaria quando os tribunaes conscienciosamente apurarem as graves responsabilidades que lhe toca nos assaltos aos cofres publicos, isto para neo fallar-mos mais detalhadamente nos vossos correligionarios corruptos que deram em gatunos nas roubalheiras de Ambaca, S. Thomé, Opio e das Aguas de

Rodam sem que esqueçam negocios em prespectiva de comissões que democraticos ferrenhos queriam á força fazer, rompendo com o actual governo por se não prestar a servir negociatas de Leotes do Rego e Silva Graça e outros de igual jaez e nos assassinos de pessimas instinctos que o **verdu-go mor da Republica, Daniel Rodrigues** sustentou a soldo do governo civil, para servirem de amparo a um tyrano afflicto que mandou desterrar para o **castello maldito de Angra do Heroismo** os martxres do 27 de Abril e para a tenebrosa fortaleza Elvas os martxres de 20 de Julho que se levantaram n'um gesto sublime de revolta, contra a iniquidade aaassaladora da liberdade de pensamento e contra essa atmosphaera asphixiante de terror e de panico forjada nos corredores escuros do jornal **O Mundo**, para encorajar o nefasto dictador vermelho a mandar encerrar quasi todas as associações de classe, ordenando á canalha avinhada a queima do Kiosque elegante no Rocio, o assalto á Casa Sindical na rua dos Prazeres, a prisão de Carlos Rates e Antonio Henriques no Funchal, prisões na provincia de apostolos do sublime ideal de emancipação operaria como Ferreira Quartin e tantos outros que pela sua dignidade de caracter não se prestaram a mascarar-se com vergonhosa senha de defensores da Republica, pagos para perseguirem os que nas horas perigosas de 3 e 4 de Outubro, souberam arriscar a vida, esquecendo a familia para que a monarchia desaparecesse, e o Povo portuguez entrasse n'uma nova era de prosperidade e liberdade.

Quem esqueceu porventura já os crimes de Affonso Costa que nem o exercito poupou, mandando espancar na praça publica o general Jayme de Castro a quem acaba de ser confiado o alto cargo de levantar na guerra europeia o nome do solo portuguez, commandando as forças expedicionarias que em breve partirão para a França.

Quem ignora que ao ser em Março decretada a amnistia para os crimes politicos nas cadeias do paiz existiam mais de **3.000** victimas de Affonso Costa e alguns ainda gemem na cadeia do Linoeiro, porque o formiga Alberto Correia a soldo do governo civil ntendeu preparar uma cilada para que o **grande Affonso** armosse em martyr? E depois d'isto ainda o povo portuguez poderá supportar no poder esse criminoso nato, segundo disse Lombroso, esse scientist criminalista? Não.

Aceitará o povo portuguez todos os governos, mas democraticos, nem quem quer que seja apoiado por elles. Não e não, embora seja preciso derramar nas ruas da capital, vilas e aldeias o nosso sangue.

Affonso Costa e a sua quadrilha nunca.

Abaixo o partido dos tyranos!

Avante pela liberdade!

Um grupo de martyres da tyrania Affonsista.